

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
Centro Regional do Porto
Faculdade de Teologia

HUMANÍSTICA E TEOLOGIA
Publicação Quadrimestral

Edição e propriedade da Faculdade de Teologia
Rua Diogo Botelho, 1327 (Tel. 680236)
4100 PORTO
PORTUGAL

Assinatura Anual		
Portugal		750\$00
Estrangeiro		US\$18.00
Fascículo a vulso		
Portugal		300\$00
Estrangeiro		US\$ 7.00

Ano 8 — Janeiro-Abril de 1987 — Fasc. 1

Director: Carlos A. Moreira Azevedo

Conselho da Direcção:

Angelo Alves
António Maria Bessa Taipa
Joaquim Monteiro
Manuel de Pinho Ferreira

1987

Um rosto diferente da Humanística e Teologia

Concluído o primeiro septénio da sua existência — número que na simbólica bíblica designa uma série completa e pode exprimir assim uma coincidência feliz — a Humanística e Teologia aparece agora com um rosto diferente, substituindo o nome da entidade proprietária que era o Instituto de Ciências Humanas e Teológicas pelo de Faculdade de Teologia, integrada no Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa.

E, se é certo que esta alteração se situa mais no plano institucional do que ao nível de orientação ou grau de exigência e qualidade, não deixa de significar um passo em frente e um desafio que merecem ser salientados.

A extensão ao Porto da Faculdade de Teologia vem culminar uma longa e fecunda tradição de cultura filosófico-teológica, que começa com a escola catedral, cuja existência é documentada já em 1186 com a instituição do Mestre-Escola no Cabido, passa pelas escolas conventuais dos Franciscanos e Dominicanos a partir do séc. XIII e presumivelmente pelas escolas dos mosteiros dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho de Grijó e de Moreira e desenvolve-se na época do Renascimento quando cresce o desejo do saber e se multiplicam as iniciativas e instituições que o promovem.

Não obstante o decreto do Concílio de Trento de 15 de Julho de 1563 e o Breve subsequente do Papa S. Pio V, o Porto não construiria então o seu Seminário, por alegadas razões de falta de meios e fácil acesso a outras escolas, e para poder inaugurar em 10 de Agosto de 1560 o seu Colégio de S. Lourenço, a Companhia de Jesus teria até de se valer da influência do Bispo D. Rodrigo Pinheiro, de S. Francisco de Borja e da Rainha-regente D. Catarina, contra a resistência dos moradores do burgo, que a isso se

opunham por temerem que os Jesuitas lhes aliciassem os filhos ou viessem a escassear os alimentos com o aumento da população estudantil.

E foram os colégios da Companhia de Jesus e, a partir de 1683, também do Oratório que assegurariam a formação filosófico-teológica e supririam a falta do Seminário.

Quando o Marquês de Pombal suprimiu, em 1759, a Companhia de Jesus e proibiu os Oratorianos de pregar, confessar e ensinar, depois de os aceitar em substituição parcial dos Jesuitas, a necessidade do Seminário passou a fazer-se sentir com toda a urgência. Datam de 1783 as primeiras diligências nesse sentido empreendidas pelo Bispo D. Frei João Rafael de Mendonça, mas só mais tarde, em provisão de 21 de Julho de 1804, é criado por D. António de S. José e Castro o Seminário de S. António, «que seja igualmente útil ao estado eclesiástico e secular», e que começaria a funcionar no ano lectivo de 1811-1812.

A agitação política da época liberal iria provocar um interregno no seu funcionamento durante o qual, de 1841 a 1862, foram leccionadas no Paço Episcopal duas cadeiras da Classe de Estudos Eclesiásticos (Teologia Dogmática e Teologia Moral), como secção do Liceu Nacional da cidade do Porto. Em 1862, o Seminário passou a funcionar no antigo Colégio de S. Lourenço, onde ainda hoje se encontra e onde iria transformar-se num estabelecimento modelar de ensino e formação sacerdotal, graças à contribuição de muitos, mas sobretudo à decisiva intervenção do Cardeal D. Américo Ferreira dos Santos Silva que, entrado na Diocese em 1871, reformou os Estatutos, ampliou o edifício e dotou-o de excelentes educadores.

O prestígio e o nível de ensino manteve-se ininterruptamente até 1974, quando com participação das Dioceses do Porto, Aveiro, Bragança, Portalegre e Castelo Branco e Vila Real e da Ordem Beneditina, foi criado o Instituto de Ciências Humanas e Teológicas que viria a reunir os alunos daquele Seminário e os do Instituto Superior de Estudos Eclesiásticos (Teológicos) que desde 1967, por iniciativa de vários Institutos Religiosos, funcionava no Porto.

Ao longo do tempo foi-se acumulando assim uma tradição teológica com nível e padrão progressivamente mais elevados, ao serviço da fé e do comportamento humano, em diálogo crescente com a cultura e o meio ambiente.

Deu-se entretanto um factor novo que provocou uma aceleração desta evolução. A Universidade Católica Portuguesa estendeu ao Porto as suas actividades, primeiro com a leccionação do Curso de Direito da sua Faculdade de Ciências Humanas a partir de 1976, depois com a criação do Centro de Estudos de Organização e Gestão (CEOG), em 1982, para sistematizar e actualizar conhecimentos de gestão de empresas, da Escola Superior de Biotecnologia (ESB), em 1984, que ministra o Curso de Engenharia Alimentar, e já no presente ano lectivo, do Curso de Administração e Gestão de Empresas da referida Faculdade de Ciências Humanas. Este desenvolvimento rápido, que só foi possível graças ao apoio das forças vivas da Diocese e região, obrigou a que se estudasse e projectasse uma estrutura orgânica capaz de, sem prejuízo da unidade fundamental do Universidade Católica Portuguesa, respeitar e favorecer uma certa especificidade e inserção na Igreja e na sociedade locais. E pareceu desde logo necessário que, entre os Cursos que ali funcionariam, figurasse também a Teologia, como sua cúpula e remate, para promover, em diálogo interdisciplinar, a unificação do saber e aquela «sabedoria» que ajuda a encontrar as respostas para as múltiplas interrogações que hoje se levantam.

E foi assim que em 1 de Fevereiro de 1985, no âmbito das comemorações do Dia da Universidade, o Conselho Superior da U.C.P. aprovaria o projecto, entretanto elaborado por uma Comissão de Estudo, para o Centro Regional do Porto, e, em 11 de Junho do ano seguinte, o protocolo apresentado pela Comissão Instaladora que define os objectivos de coordenação e unidade e a estrutura por que se regerá esse Centro.

Entretanto, em carta de 13 de Novembro de 1986, o Cardeal William Baum, Prefeito da Sagrada Congregação para a Educação Católica, cometia ao Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, Magno Chanceler da Universidade Católica, o encargo da reestruturação da Faculdade de Teologia de Lisboa com extensão ao Porto e Braga.

Esta evolução vai certamente proporcionar maiores oportunidades de fazer Teologia em interdisciplinaridade e como resposta aos problemas concretos do nosso meio, na continuidade da nossa tradição histórica e dentro das perspectivas abertas pelo Concílio Vaticano II.

O que caracteriza o surto de renovação teológica pós-conciliar é o esforço de sair do gueto, polarizado à volta de questões já ultrapassadas ou de mero âmbito clerical, para se tornar cada vez mais presente à realidade concreta de uma comunidade ou de um povo, com objectivos e preocupações pastorais. A Teologia quer deixar de ser uma ciência repetitiva e desinteressada da situação histórica em que venha a ser ensinada para se tornar o lugar de diálogo entre a Igreja e o Mundo, ultrapassando as falsas roturas entre a fé e a razão, entre a história da salvação e a história profana, tornando credível a fé cristã perante a inteligência moderna e articulando o progresso terrestre com o crescimento do Reino.

A historicidade é uma dimensão interna da Palavra de Deus no acontecimento concreto da Revelação cumprida em Jesus Cristo, e por isso não pode a Teologia alhear-se da História, antes deve estar atenta aos sinais dos tempos para lhes dar a correcta interpretação. Porque a verdade revelada não é uma verdade morta, mas uma verdade viva, transmitida através de uma mediação histórica e um esforço de actualização permanente.

É no confronto com as diversas expressões do pensamento moderno, em função da interpretação que o homem faz de si mesmo como ser histórico situado numa tradição e numa cultura determinada, que a Teologia assumirá a sua missão ao mesmo tempo profética e científica, inaugurando novos campos de reflexão ou renovando a sua análise sobre campos tradicionais. Temas considerados normalmente como alheios à Teologia propriamente dita, como os da antropologia, da relação entre promoção humana e salvação cristã, da técnica, do trabalho, da ecologia e tantos outros, ocupam cada vez mais espaço na reflexão teológica. Da mesma forma, os temas tradicionais da Teologia são hoje abordados com novos pressupostos, tendo em conta as modernas concepções estruturais, o desenvolvimento das ciências humanas e a importância das experiências da fé e da prática da comunidade cristã.

Por tudo isto, a integração da Teologia num Centro Universitário em que se professam as ciências jurídicas, sócio-económicas e biotecnológicas e onde os problemas de ordem ética não podem deixar de se levantar, constitui um desafio promissor e um estímulo aliciante de intercâmbio e complementaridade.

Consequentemente, também esta Revista poderá vir a beneficiar deste intercâmbio e aproximar-se do ideário que lhe foi apontado por D. António Ferreira Gomes, na Palavra de Apresentação que para ela escreveu: «Revista dedicada, como o seu nome indica, à investigação científica e à comunicação escolar e extra-escolar da Teologia e da Humanística, a sua abertura ao real e o seu âmbito de interesses científicos estendem-se tanto quanto as dimensões do humano e do cristão.» (Humanística e Teologia 1 (1980) pág. 5).

Esta alteração do rosto da «Humanística e Teologia» coincide com mudanças na sua direcção e corpo redactorial. Neste render da guarda cumpre-me agradecer ao Director cessante, mas que continua incluído na sua redacção, Dr. Manuel de Pinho Ferreira, a competência e dedicação com que orientou os primeiros passos da Revista e a consolidou na sua identidade e manifestar ao novo Director Doutor Carlos A. Moreira Azevedo e ao Conselho da Direcção que o assiste a esperança que depositamos no seu entusiasmo, saber e capacidade organizativa.

J. GODINHO DE LIMA